



CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JANAÍNA DA COSTA BARBOSA

**ASPECTOS DA POLIGAMIA EM ROMANCES AFRICANOS DE
GERMANO ALMEIDA E PAULINA CHIZIANE**

GUARABIRA - PB
2015

JANAÍNA DA COSTA BARBOSA

**ASPECTOS DA POLIGAMIA EM ROMANCES AFRICANOS DE
GERMANO ALMEIDA E PAULINA CHIZIANE**

Monografia apresentada ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA - PB
2015

B238a Barbosa, Janaina da Costa
Aspectos da poligamia em romances africanos de Germano Almeida e Paulina Chiziane [manuscrito] / Janaina da Costa Barbosa. - 2015.
39 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra, Departamento de Letras".

1. Cultura africana. 2. Poligamia. 3. Gênero. 4. Moçambique. 5. Cabo Verde. I. Título.

21. ed. CDD 896

JANAÍNA DA COSTA BARBOSA

**ASPECTOS DA POLIGAMIA EM ROMANCES AFRICANOS DE
GERMANO ALMEIDA E PAULINA CHIZIANE**

Aprovada em: 10 / 07/2015.

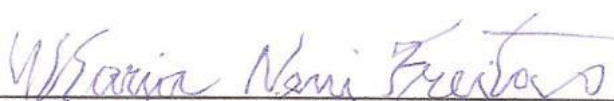
BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Rosilda Alves Bezerra (Orientadora/UEPB)



Prof^a Dr^a Maria Suely da Costa (1^a Examinadora/UEPB)



Prof^a Dr^a Maria Neni de Freitas (2^a Examinadora/UEPB)

GUARABIRA - PB
2015

A Deus, pois sem Ele não conseguiria forças para batalhar em busca dos meus objetivos, superando todas as dificuldades encontradas durante esta caminhada.

*À minha mãe **Josefa Gomes da Costa Barbosa**, por ser meu maior exemplo de vida, pelos ensinamentos, dedicação, amor e principalmente pelos momentos que sempre esteve ao meu lado, prestando apoio e incentivo nos momentos de dificuldade.*

Dedico.

AGRADEÇO

À Universidade Estadual da Paraíba, por ter me proporcionado uma formação profissional.

À minha orientadora, Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra por ter me guiado nesse trabalho de conclusão de curso, por estar sempre disponível a esclarecer todas as dúvidas e ter acreditado na minha capacidade de desenvolver um bom trabalho. Sou grata a essa grande profissional e pessoa, que diretamente contribuiu para a minha formação profissional e pessoal, passando um pouco do seu conhecimento e experiência durante o tempo em que trabalhamos juntas.

Aos amigos e colegas da turma 2011.2 por todo apoio e incentivo ao longo de todos esses quatro anos, Marcelo Félix, Jobson Soares, Ana Caroline, Ana Carla, Ana Márcia, Antônio Xavier, Renato Silva, Jusieux Santos, Karolina Thaís, Valdeci João, Andreia Felipe, Dinara Nascimento, Maria Marli Freitas, Aline Andrade, Malena Polyana, Ana Carolina Falcão e Gaudênia Maria.

Às amigadas que foram construídas no Grupo de pesquisa - PIBID, especialmente à minha supervisora e amiga Maria das Dores Justo.

A Ewerton Félix por todo apoio e carinho, sempre disposto a contribuir de alguma maneira, não só na vida acadêmica, mas também pessoal.

À Samara Araújo por ser “uma amiga de todas as horas”, a qual sempre me apoiou e incentivou.

À toda a minha família, pai, avó, tios, tias, primos e primas por todo o apoio moral e carinho prestado durante essa etapa da minha vida.

Aos professores e funcionários que contribuíram com a minha caminhada, até este momento, especialmente aos do Departamento de Letras.

Obrigada!

Com todo o meu amor, respeito, admiração e carinho:

*Aos meus irmãos, **Paulo Roberto** (in memorian), **José Roberto, Rinaldo, Renato, Josivânia** e **Natalia** pelo apoio e confiança.*

*À minha sobrinha **Emilly Helena** que é a nova luz da família e já perpetua união e felicidade.*

Ofereço.

“Dentro de cada um de nós existem: histórias maravilhosas que podem melhorar as nossas vidas e as vidas dos que vivem em nosso redor; histórias que evocam recordações que nos alegram e fazem sorrir ou que nos entristecem; histórias fabulosas que podem desafiar o intelecto; histórias magníficas à espera de sair cá para fora, se deixarmos. Agora, mais do que nunca, acredito que as histórias podem ajudar-nos a enfrentar as dificuldades da vida e contribuir para a nossa transformação numa sociedade melhor, numa humanidade melhor e num mundo melhor. Quando se conta uma história maravilhosa, a magia acontece”.

Stuart Avery Gold

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar dois romances africanos, *Eva*, do caboverdiano Germano Almeida, e *Niketché: Uma história de poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Nesse sentido, expomos uma investigação acerca da cultura da poligamia sob ponto de vista do feminino, através da afirmação identitária das personagens principais de cada romance, Eva e Rami. Nessa perspectiva, serão considerados os questionamentos envoltos à cultura africana, como a poligamia e o lobolo. Baseados no aporte teórico de Appiah (1997), Bhabha (2003), Hall (2003; 2006), e nos estudos sobre a poligamia na literatura moçambicana, com Bezerra (2012) e os aspectos culturais em Granjo (2005) inseridos nessa discussão, auxiliando nas indagações acerca da construção identitária das personagens, em contrapartida com a diversidade cultural de Moçambique e Cabo Verde.

Palavras-chave: Cultura Africana. Poligamia. Gênero. Moçambique. Cabo Verde.

ABSTRACT

The presente study aims to analyse two african novels: “*Eva*”, by the Cabo Verdian author Germano Almeida, and “*Niketch: Uma história de poligamia*”, by the Mozanbican author Pauline Chiziane. We aim to inquire about the culture of polygamy under the woman’s point of view, through the identity affirmation of the main characters of each novel, Eva and Rami. From this perspective, this study will consider the questions relating to African culture, such as polygamy and “*lobolo*” (bride price). This work will be based on Appiah (1997), Bhabha (2003), Hall (2003; 2006) studies; and on Bezerra (2012) about polygamy in Mozanbican Literature, as well as Granjo (2005) about cultural aspects. These researchers are basing the discussion, assisting in inquiries about the identity construction of the characters, in contrast with the cultural diversity in Mozambique and Cabo Verde.

Keywords: African Culture. Polygamy. Gender. Mozambique. Cabo Verde.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FICÇÃO X REALIDADE: A REPRESENTATIVIDADE DO CONTEXTO SOCIAL	13
2.1. <i>NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA</i> , DE PAULINA CHIZIANE	13
2.2. <i>EVA</i> , DE GERMANO ALMEIDA.....	19
3. A CULTURA DA POLIGAMIA SOB PONTO DE VISTA DO FEMININO	26
3.1. <i>POLIGAMIA É UM UIVO SOLITÁRIO À LUA CHEIA</i>	26
3.2. <i>EVA DE MIL PESSOAS</i>	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Este texto é resultante de um projeto de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvido sob orientação da Prof.^a Dr.^a Rosilda Bezerra Alves. Objetivamos apresentar o trabalho com literaturas africanas de Língua Portuguesa, considerando a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que ocupa um espaço relevante no atendimento à história e a cultura do continente africano de Língua Portuguesa.

Nosso principal conteúdo de investigação foi a literatura moçambicana de Paulina Chiziane, e a literatura caboverdiana de Germano Almeida. No romance de Chiziane, a temática principal gira em torno de uma construção incessante de uma identidade de gênero, na qual aspectos culturais africanos considerados polêmicos, como o lobolo e a poligamia são constantemente discutidos (SCHMIDT, 2010). No romance *Eva*, Germano Almeida trata de uma poligamia na qual a mulher ocupa um lugar central, que tradicionalmente, é dominada pelos homens.

Paulina Chiziane nasceu em 1955, em Manjacaze, Moçambique. Considerada a primeira mulher moçambicana a escrever um romance, *Balada de amor ao vento*, em 1990, não conseguiu concluir os estudos superiores. Atualmente a escritora vive e trabalha na Zâmbia, além de ser convidada a participar de feiras de livros e lançamentos de livros em vários países de língua portuguesa. Publicou cinco romances pela Editora Caminho, em Lisboa. Estudou Linguística, em Maputo. Ficcionalista, com vários contos editados na imprensa (Domingo, na «Página literária», e na revista Tempo).

Germano Almeida é natural da Ilha de Boavista, em Cabo Verde, além da função de escritor, Almeida também é jornalista. É responsável por projetos da vida cultural de Cabo Verde como a fundação, com na Revista *Ponto & Vírgula* e do Jornal *Aguaviva*, do qual é coproprietário e diretor. Germano Almeida colabora no Diário Português *Público*.

O *corpus* escolhido para este estudo é composto por um romance de Paulina Chiziane: *Niketche: uma história de poligamia* (2002) no qual destaca a descoberta do feminino, em uma narrativa envolta pelo desenvolvimento da sociedade patriarcal e a consolidação da hegemonia do poder masculino sobre o feminino, na prática da poligamia (MATA; PADILHA, 2007); e um romance de Germano Almeida, *Eva*, que desmascara a hipocrisia na vida pública e privada

da sociedade de Cabo Verde, ao apresentar a protagonista com uma relação de amor com três africanos de Cabo Verde.

O estudo a ser desenvolvido propõe investigar a seguinte problemática: de que forma essa mulher moçambicana, representada na ficção de Paulina Chiziane, utiliza-se de estratégias femininas para amenizar a sua condição subalterna e, assim, sobreviver e permanecer em uma sociedade dividida entre as tradições de algumas regiões moçambicanas como o lobolo e a poligamia? A personagem Eva é percebida, sob o ponto de vista do feminino, sendo que ao cometer a poligamia da mulher transgressora de uma lei, que é propriamente dominada pelo sujeito masculino? Como os narradores dos respectivos romances buscam desmascarar a hipocrisia na vida pública e privada em ambas sociedades dos países africanos?

Em seguida, enfatizaremos a representatividade do contexto social presente nas obras literárias em análise. Tendo como apoio teórico os estudos de (FOUCAULT, 2010), (MATA; PADILHA, 2007), (CHABAL, 1994), (NOA, 1998; 2002) e (MUNANGA, 2007), entre outros. Apresentaremos a trajetória das tradições presentes no romance *Eva*, de Germano Almeida, faremos uma exposição de Cabo Verde no período da independência apresentado pelo autor na obra. No romance *Niketché*, de Chiziane, mostraremos a diversidade cultural existente em Moçambique, bem como, a relação identitária feminina frente às tradições passadas por seus ancestrais de geração a geração.

Conseqüentemente, será exposta uma linha de análise comparativa entre os dois romances africanos. Diante das investigações realizadas sobre as duas obras, exibiremos o ponto de vista do feminino frente às tradições de Cabo Verde, com o romance *Eva*, e de Moçambique, com *Niketché*. E para nos auxiliar nessa pesquisa tivemos o apoio teórico de (FANON, 2008), (LEITE, 1998), (SPIVAK, 2010), (BEZERRA, 2011), (BHABHA, 2007), (SAID, 2007) e (HALL, 2003) entre outros que dialogaram nesse texto.

2 FICÇÃO X REALIDADE: A REPRESENTATIVIDADE DO CONTEXTO SOCIAL

Nos dois romances em análise, *Eva*, de Germano Almeida, e *Niketche*, de Paulina Chiziane percebemos a forte representatividade do social descrito nas narrativas.

Em *Eva*, escrita pelo cabo-verdiano Germano Almeida é possível estabelecer um verossímil com inúmeros fatos históricos da sociedade Cabo-verdiana. Pois, o autor faz diversas alusões a fatos que ocorreram em Cabo Verde no período pós-independência.

No romance de Chiziane, percebemos uma forte presença da cultura moçambicana, tradições e costumes. A verossimilhança também se faz presente nessa obra. Ao analisarmos o texto, entendemos que a autora mais do que escrever uma ficção, ela conta a estória de seu povo e seus costumes.

2.1. NIKETCHE: UMA HISTORIA DE POLIGAMIA

No romance de Paulina Chiziane o tema central é a poligamia, e nesse estudo a investigação objetivou compreender de que forma acontece o consentimento ou a negação da sociedade, e das próprias personagens envolvidas na narrativa, quando se trata do homem polígamo, ou quando é a mulher que assume a posição polígama.

Ao analisarmos a obra *Niketche: uma história da poligamia*, contatamos a trajetória de Rami, uma mulher casada há vinte anos com um funcionário da polícia, Tony, um homem do sul de Moçambique. O casal tem vários filhos, aparentemente uma família feliz, mas Rami desconfia que o marido a trai. A frustração ocorre quando descobre que o marido é partilhado com várias outras mulheres, de regiões diferentes: Maputo, Inhambane, Zambézia, Nampula e de Cabo Delgado, com as quais ele também constituiu outras famílias.

Além das cinco esposas, Tony também possui uma amante da tribo maconde. Rami, apesar de ser a esposa oficial, casada conforme a lei e a tradição, ela passa por um drama do qual ela é mais uma vítima, pois considera a poligamia do marido um desrespeito ao seu amor. Determinada a conhecer cada uma dessas rivais, Rami viaja em busca do desconhecido. Na sua travessia, saindo do conforto de seu lar, onde acreditava ser seguro,

desperta para o resultado de séculos de tradição e de costumes, a submissão das mulheres de sua região, e os contrastes percebidos entre a cultura das mulheres do norte e do sul de Moçambique.

O sofrimento provocado por essa humilhação de ter sido trocada por outras, corrobora com o despertar de Rami em relação às suas emoções, revelações frustrantes, e os paradoxos e ambiguidades que essas revelações implicam. Nesse contexto, Rami necessita saber o significado de poligamia e monogamia, além do processo de hipocrisia e das convenções sociais impostas por uma sociedade machista. Vejamos um trecho no qual é possível notar a submissão feminina frente à cultura da poligamia:

— De que me acusam? Sempre varri o lixo dele e escondi num canto. Guardei no meu cesto todos os seus pecados. Perguntem ao Tony, perguntem-lhe se alguma vez lhe faltei aos cuidados. Cuido bem do corpo dele. Nem os seus pés cheiram a chulé. Querem provas? Cheirem- no! Perguntem a estas quatro esposas se alguma vez viram algum buraco ou rasgão nas cuecas do Tony, perguntem! (CHIZIANE, 2002, p.156).

“Niketché”, também significa a dança de amor e erotismo entre os zambianos e os napules, de comemoração ao sentimento e rito de iniciação sexual. No entanto, o título também se caracteriza como uma ironia, uma vez que Rami procura nas amantes do marido aquilo que há ausência nela. Sai em busca de um amor impossível de ser concretizado: “Niketché, a dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar”. (CHIZIANE, 2002, p. 160).

A possibilidade de comparar *niketché* com a dança da vida é viável, pois quando Rami percebe que ao afetá-las, agride a si mesma, afinal aquelas mulheres são tão vítimas quanto ela, com um atenuante: ela é a primeira esposa e não pode descer ao nível das amantes. Com isso, faz uma reflexão sobre as questões da sociedade moçambicana que estão associadas ao ritmo da própria dança. A *niketché* estabelece esta relação: em um momento Rami recua, exerce a sua autoridade individual, consegue erguer-se com a cooperação das amantes do marido e percebe que é forte, apesar dos anos de tradição terem frisado o contrário.

A partir desse contexto entra em cena a identidade de resistência, uma vez que Rami pretende resistir não apenas ao casamento polígamo, fazer com que as tradições sejam revistas. Ao aceitar as mulheres do marido, haverá uma solidariedade por parte dela em compreender o significado da necessidade do marido manter as amantes e os filhos: “O nosso lar é um polígono de seis pontos. És polígamo. Um hexágono amoroso” (CHIZIANE, 2002, p.60).

Em *Niketche* é notificada uma descoberta sobre a mulher moçambicana do norte e do sul, seus costumes e tradições, a luta e a necessidade constante de independência. De que forma Rami desperta para sua condição e descobre que não tem uma identidade própria e que sua construção identitária dependerá da forma como ela vê estas outras esposas consideradas ilegítimas: “Não sou de lugar nenhum, não tenho registro, no mapa da vida não tenho nome. Uso este nome de casada que me pode ser retirado a qualquer momento. Por empréstimo. Usei o nome paterno, que me foi retirado” (CHIZIANE, 2002, p. 92).

Existe uma diferença básica entre as mulheres do sul e do norte do país. Na Zambézia, norte do país, as cidades são em sua maioria matriarcais. O que se percebe na história de Moçambique e coincide com a narrativa, é o fato de que a mulher nesta região possui uma voz ativa, ocupa um lugar social de destaque, além de exercer algum poder. Ou seja, até as questões relacionadas à poligamia são vistas pelo ponto de vista de um aspecto cultural. Nas comunidades rurais as mulheres queixam-se de não manterem relações sexuais com os maridos e por isso convocam a família para uma reunião em que se discuta este assunto. O que se expressa o fato do prazer sexual ser algo de relevante importância para a mulher.

De acordo com a explanação de Foucault (1993), de que a confissão estabelece uma relação de poder na qual aquele que confessa se expõe e produz um discurso sobre si, enquanto aquele que ouve interpreta o discurso, redime, condena, domina, esta seria uma das formas que Rami encontra para exercer o poder: “Quero que o Tony sinta o peso de minha importância, pelo menos uma vez na vida” (CHIZIANE, 2002, p. 98). É visível a relação de ironia de Rami com a questão da religiosidade. Ela clama por uma deusa, pois percebe que o Deus dos homens está ausente para as mulheres.

Há uma relação de como o sistema socialista promoveu questionamentos em todas as igrejas e religiões, após a independência de

Moçambique. Com a guerra civil, a religião voltou a ser uma espécie de redenção para os que não tinham mais esperanças e a crença em algo superior passa a ser mais uma busca por uma nova identidade. No entanto, a religião passa também a não ter uma importância crucial na vida das mulheres do sul e do norte, pois a poligamia é considerada uma ofensa no pensamento das mulheres, entretanto, a ausência dela é interpretada por homens como egoísmo da parte de suas esposas. Para Rami, a poligamia significa o cancro da sociedade: “Poligamia é ser mulher e sofrer até reproduzir o ciclo da violência. Envelhecer e ser sogra, maltratar as noras, esconder na casa materna as amantes os filhos bastardos dos filhos polígamos” (CHIZIANE, 2002, p. 93).

Nesse sentido, observa-se que a mulher casada com um polígamo é obrigada a suportar todas as atitudes promíscuas dele, além de ser tratada como mercadoria, e aceitarem o infortúnio a que foram submetidas. Apesar de Rami ser da região sul de Moçambique, nela, a tradição dita que se o homem for impotente e não possuir um desempenho sexual satisfatório, a mulher é obrigada a suportar com retidão, porque segundo os costumes locais, ela foi adquirida para isso. Notifica-se o significado da poligamia enfrentado pelas mulheres daquela região.

No entanto, Rami comporta-se de forma diferente e por isso ela é criticada pelos familiares ao expor a vida íntima do esposo. Assim, há sempre uma espécie de comparação entre as mulheres do sul e do norte. A forma de se vestir também é algo em que as mulheres do norte se destacam. As estampas alegres e a maquiagem constroem parte de seu visual. As mulheres do sul são mais recatadas e não usam o colorido habitual. As mulheres do norte têm um estatuto que as mulheres do sul não possuem. As relações amorosas entre ambas as regiões são consideráveis. As mulheres do norte detêm uma naturalidade em questão da sexualidade, sentem-se atraídas por alguém não se censuram ao confessar o que sentem. Para Rami, as piores causas para os sofrimentos da mulher, sempre estão ligados às questões relacionadas à poligamia. No decorrer da narrativa Chiziane (2002) nos mostra a diversidade existente entre as mulheres de diversas regiões de Moçambique. Um dos pontos apresentados pela autora são os ritos de iniciação sexual que algumas mulheres praticam:

Particpei em muitas aulas, quinze, o total. Fui até às aulas mais secretas, sobre aqueles temas de que não se pode falar. Enquanto noutras partes de África se faz a famosa excisão feminina, aqui os genitais se alongam. Nesses lugares o prazer é reprimido, aqui é estimulado. A minha professora diz que a preparação para o amor não tem idade e eu acredito (CHIZIANE, 2002, p. 44).

Entretanto, para as mulheres do Sul, se agir de tal forma são repreendidas e consideradas prostitutas. O que faz, então, um homem decidir em ter a primeira esposa do Sul e as demais amantes na região Norte? Segundo Luiza, a terceira mulher de Tony, tem uma explicação: “Não sou possessiva. Venho de uma terra onde a solidariedade não tem fronteiras. Venho de um lugar onde se empresta o marido à melhor amiga para fazer um filho, com a mesma facilidade que se empresta uma colher de pau”. (CHIZIANE, 2002, p. 84).

Em Niketche, o fato de todas as mulheres atuarem como promissoras empresárias representam um elemento comum em Moçambique. Ou seja, a libertação nacional colocou a mulher em um campo de batalha, pois participou da guerra, além da orientação marxista que lhe conferiu uma comissão permanente na agenda política, o que favoreceu a alteração da legislação. É evidente que na zona rural não se pôde ter a mesma sorte apesar de um número razoável de mulheres alfabetizadas.

Rami busca nas definições da poligamia uma justificativa para ela continuar a existir. Não compreende o fato da poligamia representar a natureza dominadora dos homens e o destino submisso das mulheres.

Peguei num dinheiro que tinha guardado e emprestei a Saly Comprava cereais em sacos e vendia em copos nos mercados suburbanos. Dois meses depois, ela devolveu-me o dinheiro com juros e uma prenda. Uma capulana, um lenço de seda, e uma rosa vermelha comprada na esquina. A Lu disse-me: estou inspirada. Se a Saly conseguiu fazer o seu negócio render, também posso. Rami, empresta-me algum dinheiro? Passei os fundos devolvidos pela Saly para as mãos dela. [...] Transferi o dinheiro das mãos da Lu para a Mauá e dei a Ju um dinheiro que o Tony me dera um dia para guardar. A Mauá começou a tratar dos cabelos, a desfrisar cabelos, coisa que ela entende muito bem. Começou na varanda da sua casa. Conseguiu angariar clientes. Aumentou o volume de trabalho e contratou duas ajudantes. A varanda era pequena e passou a usar a garagem da sua casa. Agora tem uma multidão de clientes, a Mauá. A Ju vai aos armazéns, compra bebidas em caixa e vende a retalho. Dá muito lucro. Nesta terra as pessoas

consomem álcool como camelos. Ela começou a sorrir um pouco e a ganhar mais confiança em si própria (CHIZIANE, 2002, p. 118-119).

O destino de Tony e a postura de Rami simbolizam uma realidade das tradições em processo de estruturação. A narradora exerce a postura de eterna questionadora, principalmente sobre a questão da poligamia. É Rami quem interroga os valores e enfrenta o espelho, que embaça os costumes cristalizados. A partir dessa mulher que se renova, Rami constrói sua identidade e reinventa os passos de uma dança antiga, na redescoberta de uma questionável *niketche*.

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar: As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao saboreio *niketche* (CHIZIANE, 2002, p.160) grifos do autor.

Na condição de possuir um lar polígamo, faz com que Rami questione esse poder supremo masculino, e percebe que a mulher em sua região está destinada ao sofrimento. As reflexões que Rami amadurece servirão para provar que as mulheres não podem ser desunidas neste espaço de poligamia, elas precisam uma das outras, para poder melhorar suas próprias existências.

Nesse sentido, essa união entre as mulheres fez a diferença em *Niketche*, porque perceberam que mesmo com as divergências entre elas, a união serviu para melhorar as suas vidas. A mensagem que fica é o fato de não haver uma região norte sem região sul e vice-versa. Há a necessidade de que todos precisam uns dos outros, mesmo nos aspectos culturais e sexuais dos habitantes das regiões Norte e do Sul de Moçambique, e até com o confronto entre a cultura do matriarcado e do patriarcado.

As duas regiões de Moçambique se completam, ou seja, não há norte sem sul e vice-versa. Assim, nota-se que todos precisam uns dos outros, inclusive as mulheres, que antes eram rivais, e agora se unem para salvarem-se a si próprias. A mensagem do romance é de ser uma unidade nacional, que se concretiza a partir de um conhecimento entre os hábitos culturais, incluindo a poligamia das duas regiões, observando de que modo ocorre esse confronto entre a cultura do matriarcado e do patriarcado.

Em relação à questão identitária, observa-se a argumentação do filósofo africano Appiah (1997, p. 243), ao refletir sobre a identidade humana como uma construção histórica afirma que “toda identidade humana é construída e histórica; todo mundo tem seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões, que a cortesia chama de “mito”, religião, de “heresia”, e a ciência, de “magia”. Nesse contexto, a mulher moçambicana surge na literatura de Chiziane aprisionada dentro de territórios demarcados, patriarcais e delimitado pelo poder masculino. No entanto, ela terá que ultrapassar essa prisão, utilizando-se de estratégias para a própria sobrevivência.

2.2. EVA, DE GERMANO ALMEIDA

No romance *Eva* (2006) de Germano Almeida, o jornalista Reinaldo Tavares, narrador da estória e amante-confidente de Eva viaja a Portugal com o objetivo de entrevistar emigrantes cabo-verdianos, que no período pós 25 de Abril, ou por oposição à independência de Cabo Verde, foram impedidos de se manifestar contra o governo assim como de viver em paz na sua própria terra, sendo posteriormente expulsos do lugar.

Propus, pois, ao jornal para o qual escrevia fazer com antecedência, com o objectivo de ser publicado durante aquele ano, um conjunto de entrevistas e alguns daqueles que 30 anos antes tinham sido daqui escorraçados. A terra é pequena, argumentei, basta perguntar, as pessoas ainda se lembram e sabem-se os nomes de quase todos os forçados ao exílio. De modo que estava em Lisboa com uma lista bastante desenvolvida de pessoas, e o encargo de procurar e escolher, errantes pelos bairros da cidade, 12 caboverdianos exilados, ganhar-lhes a confiança e levá-los a contar-me a sua estória passada e presente. [...] Queria ouvir os que durante toda sua vida souberam e sentiram Cabo Verde como parte integrante de Portugal, e de repente se tinham vistos desmamados e perdidos, porque abandonados pela Mãe Pátria e entregues a terceiros pelo próprio governo do país que era o deles (ALMEIDA, 2006, p. 20-21).

Na cidade de Lisboa, o jornalista encontra Luís Henriques, o outro amante de Eva, que é de Cabo-Verde, e passa a viver em Portugal no ano 1974 para concluir os estudos, um incansável defensor da independência cabo-verdiana.

Eva conheceu Luís Henriques no movimento anti-salazarista, em Lisboa, apaixonou-se por ele, em um movimento social no qual ela havia sofrido uma queda, e ele, salvando-a, transforma-se em sua discípula, cuja admiração ocorria devido à luta pela independência das colônias. Posteriormente, Eva também nutrirá uma profunda admiração por Cabo Verde, e resolve se mudar de Portugal para a Ilha, a princípio aguarda o retorno de Luís Henriques, mas cansada de esperar casa-se com José Manuel, um juiz de Cabo Verde.

Luís Henriques teria sido seu primeiro contato sexual, pois estava revoltada com a mãe, que repetia sobre a virgindade da mulher ser o seu maior tesouro, e com o pai, militar reacionário que não admitia o namoro de filha portuguesa com um homem de Cabo Verde. Nesse sentido, Eva foi subversiva, enfrentou a tradição, a família, e não desistiu de seu prazer. Após um mês de casada, Eva mente para o marido, informando que iria passar o fim de semana na casa de uma amiga, e combina com Luís Henriques de se encontrarem no dia 24 de abril de 1974. Eva, nesse sentido, realiza uma revolução privada com Luís Henriques nessa noite, quando se entregam ao erotismo, ignorando a revolução que invade as ruas.

O relacionamento amoroso com o jornalista Reinaldo, ocorreu quando o pai dela faleceu, pois no amigo encontrou consolo, nascendo a partir do contato íntimo um dos seus relacionamentos extraconjugais, ocorrido na casa de Eva, na ausência da família. Nesse sentido ocorre a compreensão pelo fato de Luís Henriques não regressar a Cabo Verde, devido ao ocorrido entre Eva e Reinaldo, o ato sexual na mesma cama onde os três compartilhavam por falta de espaço. O próprio Reinaldo Tavares espantava-se com a resposta de Eva, quando perguntava quem era ela, a Eva de mil pessoas? Ela sempre respondia que era apenas uma mulher casada que traía o marido com pelo menos mais dois amantes, e sua única explicação era o fato de amá-los a todos ainda que cada um à sua maneira.

Esquece por momentos que tenho marido em casa, e pensa apenas que fui tua, só tua, de alma e coração, dos pés à cabeça. Porém, não pude fazer isso por muito tempo, estaria a mentir-te se dissesse o contrário, e isso eu não sei fazer. É que a cada nova paixão eu sou recriada mais uma vez. As inúmeras mulheres de que sou feita, muitas adormecidas ou reprimidas, tornam-se possibilidades e muitas vezes realidades, e nelas eu vivo novas vidas, diferentes da que vivo

contigo, porém também importantes... (ALMEIDA, 2006, p. 163).

Além de Luís Henriques, Eva amava Reinaldo e o marido, mesmo de forma diferente. O marido, Zé Manuel, sentia medo de perder a mulher para os amantes, isso porque três dias após o casamento civil, os dois fizeram sexo na varanda, e no clímax da intimidade, Eva gritou pelo nome de seu primeiro amor, Luís Henriques. Tal acontecimento foi uma decepção para o esposo, apesar de nunca ter tocado no assunto com ela.

A poligamia de Eva não é explícita, por isso que não há o julgamento da sociedade, somente os amantes sabem da existência dos outros. Eva sempre afirmava que seu modo de amar não mudaria, uma vez que gostava da sua vida, sentia emoções em cada amante, e não pretendia terminar as relações. Nesse contexto, Luís Henriques não voltaria para Cabo-Verde por causa dos momentos complicados em relação à ausência de empregos na Ilha, e também por Eva permanecer casada, apenas contentava-se com os encontros furtivos quando ela viajava para encontrá-lo em Lisboa. Quanto ao Reinaldo, que já estava acostumado com as relações extraconjugais de Eva, continuaria com a sua vida de amante e jornalista. O marido Zé Manuel era o único que não sabia das traições, pois Eva tinha um comportamento exemplar de mulher casada, respeitada e que sabia educar os filhos. Finalmente, a independência prevalecia a trinta anos de paz e de crescimento, Cabo Verde apenas não contava com os exilados que se recusavam a participar do desenvolvimento do país, devido ao desgaste provocado nas lutas pela libertação.

O fato de Eva pertencer a Portugal e ter se instalado em Cabo-Verde, também revela a sua personalidade sem raiz e dividida entre países e amores. Eva é uma portuguesa casada, residente em Cabo Verde desde 1977 e resolve permanecer na Ilha. Ela é a representação da mulher que está à procura de uma identidade, pois consegue transitar mesmo de modo paradoxal entre a rigidez de sua educação com um pai militar, e uma politização libertária, herdada por Luís Henriques. A sua vida em sociedade também sofre alteração: uma mulher dividida com três amores, dois países e várias culturas. O paradoxo de sua identidade consiste no que ela mesma produziu para si, isto é, chega a Cabo Verde na função de ser professora, revolucionária e idealista, mas que com o passar do tempo transforma-se em uma empresária de móveis de luxo exclusivo para a classe emergente da burguesia nacional.

Oficialmente Eva exercia como professora do liceu, porém depressa se integrou no grupo dos alfabetizadores de adultos ministrando cursos nocturnos nos lugares mais esconsos dos arredores da cidade. Fez parte do grupo dinamizador da nascente organização das mulheres cujo objectivo era congregá-las em defesa dos seus específicos interesses. Defendeu publicamente duas das principais leis aprovadas no Cabo Verde independente directamente ligadas à dignificação da mulher, a lei da união de facto e lei da interrupção voluntária da gravidez [...] Para evitar outras explicações, dizia-se casada com um caboverdiano de quem estava à espera e que deveria chegar brevemente. E quando deram conta de que afinal esse marido nunca mais aparecia, estavam de tal modo habituados a ela no seu meio que já a tratavam como a um igual (ALMEIDA, 2006, p. 224).

A sedução faz parte do universo de Eva, que confessa: “também sei do gosto da procura e da espera, da sedução e da incerteza, mas, sobretudo o gosto daquele momento único e irrepetível de vitória e ternura sobre o ser desejado”. (ALMEIDA, 2006, p.184). A partir dessa confissão, a compreensão é de que no universo feminino de Eva, tal sentimento é algo natural, o que contrapõe com o pensamento masculino de que apenas o homem poderia ter a quantidade de amantes que conseguir conquistar, sendo até mais tolerável pela sociedade. Ou seja, quando o homem conquista várias mulheres, construindo seu mundo poligâmico, ele é visto pela sociedade de modo sedutor e viril. No entanto, quando esse mesmo processo de sedução direciona-se a uma mulher, a sociedade tem uma outra opinião, a de mulher fácil e vulgar, que não respeita a família nem as tradições.

Eu olhava-a espantado e sem palavras, estupefocado pelo que estava ouvindo da boca de uma mulher, e ante o meu silêncio ela continuou, não em tom de desafio mas antes como se estivesse num confessionário: Não penses que seja fácil assumir ou dizer isso; confessar que não sei ser fiel é coisa que me magoa, mas de alguma forma sinto que só essa dor nos pode atar aos dois um no outro com um nó capaz de resistir ao afastamento e à distância. Sei que te quero para sempre, concluiu com evidente tristeza, mas não te quero marido, nenhum de nós precisa desse sentimento sólido, pacato e seguro, quando isso nos é dado, logo saímos em busca do caos, é nele que nos realizamos como indivíduos (ALMEIDA, 2006, p. 163).

O narrador sempre se refere à Eva de modo paradoxal e contraditório, pois ao mesmo tempo em que ela exerce sobre ele a mulher companheira e segura de seus sentimentos, em outras ele expressa que Eva é a mulher que mereceria um acompanhamento psiquiátrico, exatamente por causa das várias facetas que ela assume para cada um de seus amantes, além do marido. Reinaldo percebe em Eva uma figura enigmática, e não compreende a dimensão de seu comportamento multifacetado. Mesmo sabendo que suas atitudes não estavam de acordos com sua cultura, Eva não abre mão de seus relacionamentos com seus amantes, pois, não queria privar seu corpo de seus desejos:

Mas espera, disse-lhe, não foi nada disso que aprendi ou fui aprendendo ao longo da vida, não é isso que dizem os livros e as pessoas, a mulher nasceu para ser de um homem só, pelo menos de cada vez... Mas ela sorria ouvindo-me: Tudo isso é falso, disse, é verdade que gosto da forma como me acaricias, exacto e directo no prazer que me proporcionas desde o primeiro toque. Mas também tenho saudades daquele outro que me aflagava quase sem tocar, e tinha dedos compridos e finos que compraziam em rodear as zonas de prazer num jogo de aproximação e afastamento que me fazia ranger os dentes de desejo e entregar-me com fúria. Ou daquele outro que gostava de ficar dentro de mim em movimentos quase imperceptíveis, num amor feito de suavidade, carícias e ternas palavras murmuradas em que era surpreendida por orgasmos súbitos e prolongados... (ALMEIDA, 2006, pp. 163-164)

Depois de entender os sentimentos de Eva, Reinaldo percebe que são iguais, pois mesmo sabendo que não de acordo com as tradições herdadas de seu povo, ele decide não abrir de sua relação amorosa com Eva.

Fiquei calado, pensando como na realidade somos iguais, feitos da mesma massa, nós homens e elas mulheres, porque me acontecia exactamente a mesma coisa, desejá-la ou apenas querer o carinho dos seus braços e dos seus beijos e das suas palavras como um abençoado refúgio, particularmente depois de sair de outros braços onde me deixara prender com prazer, porém sem aquela lassa vontade de deixar-me ficar e dormir, morrer de cada vez e ressuscitar debaixo de uma chuva... (ALMEIDA, 2006, p. 179).

Torna-se imprescindível ressaltar que Eva é portuguesa, ou seja, ser ativista política, professora, e com uma inteligência que seduz por sua segurança e argumentações politizadas, e com a experiência de vida

envolvendo os dois lados dos países Portugal e Cabo Verde, não ser negra, ou não ser vista como uma cabo-verdiana, não tem a mesma dimensão do significado do racismo e do preconceito que sofreu seu primeiro homem, Luís Henriques por racismo. Isso ocorre, quando o seu pai a expulsa de casa, ao descobrir que seu namorado é um cabo-verdiano. O próprio Luís Henriques confessa que nos anos 70 era necessária uma forte personalidade para chegar a Cabo Verde com uma mulher branca. Naturalmente, Luís Henriques percebe com o tempo no período da independência de Cabo Verde, a dificuldade de ser intransigente com os ex-colonizadores, quando havia decretado que só seriam consumidos produtos da terra pelos ex-colonizados.

Naturalmente, ele foi o primeiro a quebrar as próprias regras, quando discursou no dia da independência, após embriagado com o grogue, bebida cabo-verdiana, que os novos países independentes deveriam apreciar as três maiores heranças portuguesas: “a língua portuguesa, as mulheres portuguesas e o vinho português” (ALMEIDA, 2006, p. 236).

Segundo o narrador, Eva não consegue separar-se de seu marido, nem tampouco de seus amantes, porque não deixa de ser uma forma de sentir-se segura em relação aos seus afetos, sempre ter a possibilidade de não ficar sozinha e não sofrer com a solidão. No entanto, a argumentação que Eva utiliza para explicar o porquê de ter mais de um amante, pois até justificaria ter apenas um amante, passa pelo cotidiano e o comodismo que esse casamento proporciona. Depois de entender os sentimentos de Eva, Reinaldo percebe que são iguais, pois mesmo sabendo que não está de acordo com as tradições herdadas de seu povo, ele decide não abrir de sua relação amorosa com Eva.

Fiquei calado, pensando como na realidade somos iguais, feitos da mesma massa, nós homens e elas mulheres, porque me acontecia exactamente a mesma coisa, desejá-la ou apenas querer o carinho dos seus braços e dos seus beijos e das suas palavras como um abençoado refúgio, particularmente depois de sair de outros braços onde me deixara prender com prazer, porém sem aquela lassa vontade de deixar-me ficar e dormir, morrer de cada vez e ressuscitar debaixo de uma chuva... (ALMEIDA, 2006, p. 179)

Contudo, constatamos que a personagem Eva, é uma mulher que vive à frente dos costumes e tradições de seu povo, assim sendo, uma forma de

atribuir outros valores a condição feminina. Pois, é comum entre os homens a prática de relacionamentos extraconjugais, mas não entre as mulheres.

3. A CULTURA DA POLIGAMIA SOB PONTO DE VISTA DO FEMININO

A poligamia é tema constante nos romances de autores africanos contemporâneos, fato que observamos nos romances *Niketché: uma história da poligamia* (2002) da moçambicana Paulina Chiziane, e *Eva* (2006) do escritor cabo-verdiano Germano Almeida, como exemplos dessa temática.

Em *Niketché* destaca-se o homem como sujeito polígamo, detentor de várias mulheres, onde ocupa um espaço narrativo que concentra-se em várias regiões de Moçambique. Em *Eva* mostra outra vertente, quando destaca uma mulher como personagem principal, mantendo um relacionamento amoroso com três homens, cujo espaço da narrativa ocorre entre Portugal e Cabo Verde.

3.1. POLIGAMIA É UM UIVO SOLITÁRIO À LUA CHEIA

No romance *Niketché*, de Paulina Chiziane, podemos notar a cultura moçambicana de maneira simples e reveladora. Ou seja, a autora nos apresenta as distinções e características existentes nos povos do sul e do norte de Moçambique. No norte, as mulheres são tidas como “luz”, “flores”. Já no sul a mulher é vista como um ser submisso, são frias, não se vestem bem. Há uma grande diversidade em relação aos costumes e cultura. Pois, há uma troca de encantamentos as mulheres da região Norte e os homens da região Sul de Moçambique, como também, entre as mulheres do sul e os homens do norte. “O Norte admirando o sul, o sul admirando o norte. Lógico. A voz popular diz que a mulher do vizinho é sempre melhor que a minha” (CHIZIANE, 2002, p. 44).

Em *Niketché*, de Paulina Chiziane, indica uma diferença básica entre as mulheres do Sul e do Norte do país. Na Zambézia, norte do país, as cidades são em sua maioria matriarcais. O que percebemos na história de Moçambique e coincide com as narrativas, é o fato de que a mulher nesta região possui uma voz ativa, ocupa um lugar social de destaque, além de exercer algum poder. Ou seja, até as questões relacionadas à poligamia são vistas pelo ponto de vista de um aspecto cultural (PADILHA, 2007). Vejamos o que Castells nos diz a respeito:

[...] é que a essência do feminismo, como praticado e relatado, é a redefinição da identidade da mulher: ora afirmando haver igualdade entre homens e mulheres desligando do gênero diferenças biológicas e culturais; ora, contrariamente, afirmando a especificidade essencial da mulher, frequentemente declarando, também, a superioridade das práticas femininas como fontes de realização humana; ou ainda, declarando a necessidade de abandonar o mundo masculino e recriar a vida, assim como a sexualidade, na comunidade feminina. Em todos os casos, seja por meio da igualdade, da diferença ou da separação, o que é negado é a identidade da mulher conforme definida pelos homens e venerada na família patriarcal (CASTELLS, 2008, p. 211).

Nos últimos anos tem se apresentado uma difusão ampla e diversa da discussão em torno do conceito da construção identitária. Segundo Hall (2003) há três concepções de identidade: a do sujeito do iluminismo, que estava na concepção do ser humano, centrado e unificado, baseado na razão, tanto nas ações quanto na consciência; a do sujeito sociológico, formada através de interação entre o eu e a sociedade, ou seja, a cultura, os valores, sentidos e símbolos do mundo onde ele habitava, “o mundo público” mais o eu “mundo pessoal” formavam sua identidade; e, a do sujeito pós-moderno, considerado um sujeito fragmentado, sem uma identidade fixa, composto de várias identidades, que podem ser contraditórias ou não resolvidas.

No que diz respeito à identidade africana, Appiah (1997), em *Na casa de meu pai*, nos afirma que, “[...] as identidades são complexas e múltiplas, e brotam de uma história de respostas mutáveis às forças econômicas, políticas e culturais, quase sempre em oposição a outras identidades” (APPIAH, 1997, p. 248). Ou seja, a identidade não é fixa a nenhum aspecto ou lugar, mas sim, dinâmica, pode moldar-se de acordo com situações diversas.

Em *Niketche*, constatamos que a autora discute a cultura polígama de maneira diferenciada, pois, mesmo com as desigualdades de gênero frente às tradições herdadas dos antepassados, Chiziane apresenta uma personagem principal que traça um percurso inovador. Rami, protagonista do romance, é uma mulher da região sul de Moçambique, casada e com filhos. Ao descobrir que é traída pelo marido, ela decide sair à procura das outras mulheres, pois pretende aliar-se a elas para juntas ressignificarem os costumes e as tradições ancestrais, das quais são vítimas. Porém, Rami não assume uma postura

oprimida e vitimada, ela busca novos significados para a infidelidade de Tony, ao passo que, também ressignifica a cultura polígama.

As tradições e os costumes herdados por seus antepassados sempre foram primordiais entre os povos moçambicanos, como é o caso do personagem Tony:

— Sou um homem bom, Rami, há homens piores do que eu. Faço tudo bem feito. Ter muitas mulheres é o direito que tanto a tradição como a natureza me conferem. Nunca maltratei a Lu, bati nela algumas vezes, apenas para manifestar o meu carinho. Também te bati algumas vezes, mas tu estás aí, não me abandonaste para lugar nenhum. A minha mãe foi sempre espancada pelo meu pai, mas nunca abandonou o lar. As mulheres antigas são melhores que as de hoje, que se espantam com um simples açoite (CHIZIANE, 2002, pp. 283-284).

Nesse contexto, Moçambique concentra vários tipos de culturas, que variam entre regiões. A região sul, por exemplo, é patriarcal e a favor da poligamia. No entanto, com a chegada dos cristãos foi instalada a monogomia. Na região norte, que era matriarcal e, sem acesso para a poligamia, com a chegada dos muçulmanos a implementação da poligamia tornou-se realidade. Esses aspectos culturais tão diversos são exemplos de que os costumes estrangeiros se confundem com as tradições do povo moçambicano.

Em *Niketché*, a mulher moçambicana ocupa uma posição submissa ao homem, pois em conformidade as suas tradições, ela deve ouvir ao invés de falar. Porém, Rami, protagonista do romance, nos mostra uma outra vertente da representação feminina em Moçambique. E de acordo com Appiah (1997), “[...] o valor das identidades é relativo, devemos argumentar a favor e contra elas caso a caso” (p. 250).

Em *Niketché*, Rami questiona as tradições impostas às mulheres por seus antepassados, e decide romper com o silêncio e o sofrimento perpassados durante muito tempo em sua cultura.

O branco diz ao preto: a culpa é tua. O rico diz ao pobre: a culpa é tua. O homem diz a mulher: a culpa é tua. A mulher diz ao filho: a culpa é tua. O filho diz ao cão: a culpa é tua. O cão furioso morde ao branco e este, furioso, grita de novo para o preto: a culpa é tua. E a roda continua por séculos e séculos (CHIZIANE, 2002, p. 272).

Os valores defendidos pelas tradições sempre foram primordiais para a doutrinação de gerações futuras, ou seja, para a existência e resistência das tradições é necessário não apenas cumpri-las, mas também transmiti-las e garantir que se cumpram.

O movimento feminista, manifestado na prática e em diferentes discursos, é extremamente variado. Sua riqueza e profundidade aumentam à medida que analisamos seus contornos sob uma perspectiva global e comparativa, e à medida que historiadores e teóricos feministas desenterram os registros da resistência feminina e do pensamento feminista (CASTELLS, 2008, p. 210).

A submissão feminina é inadmissível aos olhos das esposas de Tony. Porém, ele não compreende os sentimentos de suas esposas, por ser um indivíduo polígamo, acredita cumprir com todos os seus 'deveres'. Então, observemos o que a autora diz sobre em resposta ao amor polígamo de Tony:

— Sou um homem bom, Rami, não mereço esta traição. Até compreendo a paixão da Lu. Paixão é fantasia, é coisa que passa. Rami, diz-me: será que não aguento convosco? Não vos dou tudo o que querem? Há homens com dez esposas e eu tenho apenas cinco. Sempre vos dei de comer, paguei pontualmente todas as despesas, visito religiosamente cada uma, o que vos falta?

Amor polígamo é mesmo isto. Ter o homem nos braços a suspirar por outra. Lavar o cavalheiro, remendar-lhe as peúgas e as cuecas, esfregar-lhe os calcanhares, embelezá-lo, perfumá-lo, para ele se exhibir bonito nos olhos das outras. Amor polígamo é mastigar a dor como alimento, engolir com saliva e encher a pança. Amor polígamo é a eterna espera. O eterno desespero (CHIZIANE, 2002, p. 281).

E segundo Chiziane, os homens sempre foram livres para tomarem suas decisões sem que fosse necessário prestar quaisquer esclarecimentos às suas esposas, mas as mulheres ficaram encarregadas de obedecer e confortar seus maridos. “Ah, vida ingrata! Para quando a solidariedade entre as mulheres? Generosas mães oferecem-nos aquilo que têm. Coroas de fel e espinhos na passagem de testemunhos, rainha de obediência. Miss submissão, damas de temor” (CHIZIANE, 2002, p. 156).

A partir das falas da personagem Rami, a autora nos dá uma definição da poligamia no século XXI, pois a mesma aponta inúmeros riscos, aos quais

os indivíduos polígamos estão expostos, nesse caso, o Tony. Vejamos o trecho do romance que revela tal afirmação:

Olho para o Tony meu marido energúmeno, polígamo do século vinte e um. Que vai morrer cedo, na estrada, entre uma casa e outra, sempre a correr para cá e para lá na gestão dos seus amores. Que come alimentos preparados por várias mãos e acabará envenenado sem nunca conhecer aqueles que o matam. Que mergulha em qualquer cavidade, como um pescador de doenças fatais e competente agricultor da morte. Que tem o corpo sempre exposto como gado, na feira dos prazeres (CHIZIANE, 2002, p.159).

Em *Niketche*, a protagonista, Rami, reúne as mulheres de Tony, com o propósito de reivindicar um espaço para cada uma, no entanto, a tradição existente até então passa a ser moldada e/ou transformada através das ações e posicionamentos de cada indivíduo. Neste caso, a cultura polígama ganha um novo significado, e de acordo com Hall (2006):

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2006, p. 21).

As narrativas escritas por Paulina Chiziane abordam questões feministas, nas quais a autora apresenta inúmeros pontos ligados a diversidade cultural de Moçambique, em *Niketche*, notamos aspectos como a distinção entre as mulheres do sul e do norte do país, a prática do lobolo e da poligamia, que são os pontos mais relevantes de nossa discussão.

Nesse contexto, as narrativas de Paulina Chiziane recorrem à crise das chamadas diversidades culturais reprimidas por muitos anos, como forma de uma crítica “construção da identidade nacional”, pois a autora acredita que para reconstruir o seu país é preciso o reencontro do povo com as origens, as crenças, os cultos e as tradições negligenciadas pela máquina e processo cultural do colonizador (MACEDO, 2010). Em suas narrativas procura compreender os sentimentos da mulher moçambicana, as particularidades de sua cultura, os temas polêmicos para algumas regiões, e culturais para outros, como o caso da poligamia, o lobolo e de sua própria história (GRANJO, 2005).

Vejamos o que Hall (2006) nos fala a respeito da identidade:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2006, p. 07).

De acordo com as teorias de críticos literários de Moçambique, como é o caso de Francisco Noa (2009), destaca a literatura como uma possibilidade de relação com a realidade não linear, mas uma relação de reinventar a realidade, questionar e amplificar essa realidade, no sentido de mostrar aquilo que dignifica ou diminui o sujeito. O autor argumenta no artigo “As falas das vozes desocultas”, que essa relação permanente com a realidade está presente na literatura moçambicana, principalmente quando se referem ao homem negro e humilde, e a mulher.

Nesse aspecto concordamos que o objeto da Literatura é a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor de si e do ser humano, e de que forma isso ocorre com a mulher negra na sociedade africana (FANON, 2008). A Literatura Africana expressada nas obras de Paulina Chiziane passa a ser um movimento que tem, em sua base, o intento de conhecer o outro, deixar que o outro, silenciado por diversas formas de violência, mostre-se e revele-se (LEITE, 1998).

3.2. EVA DE MIL PESSOAS

No romance *Eva*, de a protagonista Eva, mesmo sabendo que suas atitudes não estavam de acordos com sua cultura, Eva não abre mão de seus relacionamentos com seus amantes, pois, não queria privar seu corpo de seus desejos:

Mas espera, disse-lhe, não foi nada disso que aprendi ou fui aprendendo ao longo da vida, não é isso que dizem os livros e as pessoas, a mulher nasceu para ser de um homem só, pelo

menos de cada vez... Mas ela sorria ouvindo-me: Tudo isso é falso, disse, é verdade que gosto da forma como me acaricias, exacto e directo no prazer que me proporcionas desde o primeiro toque. Mas também tenho saudades daquele outro que me aflagava quase sem tocar, e tinha dedos compridos e finos que compraziam em rodear as zonas de prazer num jogo de aproximação e afastamento que me fazia ranger os dentes de desejo e entregar-me com fúria. Ou daquele outro que gostava de ficar dentro de mim em movimentos quase imperceptíveis, num amor feito de suavidade, carícias e ternas palavras murmuradas em que era surpreendida por orgasmos súbitos e prolongados... (ALMEIDA, 2006, pp. 163-164)

Germano Almeida nos apresenta uma trama que foge dos padrões tradicionais, na qual as personagens assumem papéis que não são comuns na sua cultura. A protagonista Eva é o centro de todo o romance, pois a estória se desenvolve em torno dos acontecimentos de sua vida. Ou seja, o narrador descreve a vida de Eva, desde sua juventude, o encontro com Luís Henriques, chegando até aos trinta anos de comemoração da independência de Cabo Verde.

Na identidade pós-moderna o sujeito assume várias identidades, de acordo com o momento em que vive, pois, para Hall (2003, p. 13), a identidade “é definida historicamente e não biologicamente”. Assim, como a história vive em constante mudança e transformação, o sujeito se confronta com múltiplas identidades, à medida que ocorre a multiplicação dos representantes e dos sistemas de significações culturais.

Ao analisarmos Eva, de Germano Almeida, encontramos uma trama que se desenvolve no decorrer de uma conversa entre Luís Henriques e Reinaldo Tavares, o narrador. Ao passo que investigávamos, foi possível percebermos um pouco da grandiosidade da cultura africana presentes nas obras *Eva* e *Niketché*. Em *Eva*, de Germano Almeida, encontramos grandes revelações, tanto no que refere-se ao texto, enquanto ficção, como também, no que diz respeito à cultura africana, e ao contexto social de Cabo Verde.

A protagonista Eva, portuguesa, casada com o caboverdiano Zé Manuel, rompe com as tradições, mantendo relacionamentos com mais dois caboverdianos, Luís Henriques e Reinaldo. Mesmo sendo comum os homens terem relacionamentos extraconjugais, as mulheres sempre foram resguardadas dessa prática, porém, Eva supera toda a tradição:

Naquele tempo eu ainda acreditava que amar duas, três ou mais pessoas diferentes era um privilégio masculino, de modo que olhei para a Eva que continuava súplice segurando a minha mão junto ao seu rosto, e ela, sem ligar ao meu riso de escárnio, disse, se insistes mesmo em ir embora, sair de mim e da minha vida para sempre, antes que partas deixa-me ao menos confessar-te a tua vitória sobre mim. Sabes, quando finalmente me enamorei de ti, ou então da paixão que tinhas por mim, sonhei viver contigo uma relação verdadeira e transparente, quis entregar-te a minha alma para que a moldasses do mesmo modo que moldas o meu corpo com as tuas mãos de criador de mulheres. E durante algum tempo assim aconteceu de facto... (ALMEIDA, 2006, pp. 162-163).

De acordo com as tradições, as mulheres sempre tiveram que ser submissas aos seus homens, sendo responsáveis por guardar e manter o respeito e a boa conduta do lar. Porém, Eva rompe com todos os estereótipos de sua tradição, assumindo uma postura contrária à tudo o que havia aprendido com sua mãe, “de modo que quando abertamente o seu corpo lhe exigira os seus direitos, ela tinha-lhe pago o tributo com mais alegria que desconforto, nada ocupada em descobrir as dores que a mãe tanto avolumara” (ALMEIDA, 2006, p. 162).

Como afirma Stuart Hall (2014, p. 40):

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*. (grifos do autor)

A sociedade determina e classifica a conduta dos indivíduos. Porém, as mulheres sempre foram vistas de maneira estereotipada, sendo designadas a uma postura de submissão com relação aos homens. Germano Almeida nos mostra uma mulher totalmente independente, no que diz respeito às tradições da cultura africana. Eva rompe com os estereótipos da mulher submissa, que sempre esteve em segundo plano, ela apresenta-se como protagonista de sua história, deixando de lado os preceitos machistas herdados de geração em geração:

Porém, aconteceu-lhe uma mãe ter começado o dia exasperando-a com a questão da defesa da virgindade e da fidelidade, definindo a virgindade como o valor intrínseco da mulher, aquilo que de mais precioso uma mulher pode oferecer ao seu marido, um homem poder para sempre andar de cara levantada diante seja de quem for, na certeza de saber que antes dele nem depois dele nenhum outro tocou sua esposa. Porque é isso, essa certeza, essa confiança, que cria e une e mantém para sempre os membros de uma família, base principal da nossa Pátria, e que nos conduzirá necessariamente à glória de Deus como merecido prémio dos nossos esforços na terra em prol da sociedade... Eva disse que começara ouvindo a mãe mais ou menos distraída, tinha outras preocupações que absorviam, porém quando acabou por prestar-lhe atenção e ouvir direito o que ela estava a dizer sentiu que lhe subia ao coração uma forte revolta e decidiu, Não passa de hoje! E sem prévio aviso, com o coração aos pulsos, mas mesmo assim determinada, naquela mesma tarde dirigiu-se à Rua das Trinas. (ALMEIDA, 2006, p. 111- 112)

As tradições e os valores herdados de mãe para filha sempre foram mais importantes que próprios desejos, pois, a boa conduta da mulher era tida como algo essencial para paz na relação homem X mulher, como também, na relação com a família. Porém, Eva desde cedo, sempre teve um comportamento que fugia dos estereótipos que eram repassados pela mãe, “porque, e como ela mesma gostava de contar entre risos, desde pequenina que a mãe lhe vaticinara, provavelmente pelas evidências do seu comportamento” (ALMEIDA, 2006, p. 161).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance *Eva*, encontramos inúmeros questionamentos acerca da equidade de gêneros. Germano Almeida nos revela temas que evidenciam a linearidade existente na sociedade, dando enfoque às mulheres. Durante a análise, percebemos que a protagonista Eva foge dos ensinamentos deixados por sua mãe, pois ela rompe com os estereótipos da mulher submissa, que sempre esteve em segundo plano, ela apresenta-se como protagonista de sua história, deixando de lado os preceitos machistas herdados de geração em geração.

Eva é uma mulher que foge dos padrões femininos presente em sua cultura, pois, ela mantém dois relacionamentos extraconjugais. Porém, não é possível afirmar que ocorre a poliandria (casamento de uma mulher com vários homens) no romance *Eva*, pois, apesar da personagem Eva manter dois relacionamentos extraconjugais com Luís Henriques e Reinaldo, ela é oficialmente casada com Zé Manuel, com o qual têm dois filhos. E mesmo tendo dois amantes, Eva exerce o papel de mãe e esposa efetivamente.

Contudo, percebemos que o romance *Eva* traz à tona a história de uma portuguesa, amada por três cabo-verdianos (Reinaldo, Luís Henriques e o Zé Manuel). A narrativa se desenvolve num diálogo entre os dois amantes, ambos contando a vida de Eva, numa busca incessante por descobrir tudo da amada. A partir da análise de *Eva*, notamos que o autor evidencia fatos da história de Cabo Verde, mostrando um pouco da identidade de seu povo.

No romance *Niketche: Uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, podemos conhecer um pouco sobre a cultura africana, mais especificamente, a cultura da poligamia em Moçambique, nas regiões norte e sul, que são as mais representadas na obra.

Em *Niketche*, vimos inúmeros questionamentos no que se refere à posição feminina frente à cultura da poligamia. A autora nos mostra como a diversidade cultural enfrenta as mudanças oriundas das ações do tempo, na qual a personagem Rami vive uma incessante busca da equidade de gênero, pondo em questão aspectos culturais, que foram trazidos de gerações a gerações, como o lobolo e a poligamia.

Assim sendo, verificamos que Chiziane fala da cultura polígama de maneira diferenciada, ou seja, a autora lança um olhar sobre a representação feminina, com o propósito de ressignificar as condições impostas às mulheres, como uma forma de romper com as tradições perpassadas pelas gerações.

Eva e Niketche percebemos os sentimentos da mulher portuguesa inserida na cultura africana, e da mulher moçambicana e as particularidades de sua cultura, os temas polêmicos para algumas regiões, e culturais para outros, como o caso da poligamia, o lobolo e de sua própria história do feminino na cultura africana.

Nessa perspectiva, a verossimilhança está presente na literatura caboverdiana, e na moçambicana, pois ambas referem-se às tradições, a mulher, e ao homem negro e humilde. Observa-se que os romances *Eva* e *Niketche* estão propícios a ultrapassarem o silêncio feminino, assim sendo, uma forma de conhecer o outro, e de deixar-se conhecer.

REFERÊNCIAS

ADÃO, Deolinda M. Novos espaços do feminino: uma leitura de *Ventos do Apocalipse* de Paulina Chiziane. In MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África – Vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Editora Colibri, 2007.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BEZERRA, Rosilda Alves; GERMANO, Patrícia Gomes. Abandono e errância: a busca identitária em Léonora Miano e Paulina Chiziane. In: Revista **A cordas Letras**. Revista do Departamento de Letras e Artes. Universidade Estadual de Feira de Santana. Nº 12, 2011, pp. 199-222.

BEZERRA, Rosilda Alves. **Niketche, Balada de amor ao vento e Eva: a recepção da poligamia em romances africanos**. GELNE. Natal/RN/UFRN, 2012a.

BEZERRA, Rosilda Alves. Identidades sociais fragmentadas: aspectos da poligamia em **Niketche** e **Balada de amor ao vento**. In: LIMA, Tania; NASCIMENTO, Izabel; ALVEAL, Carmem (Orgs.). **Griots Culturas africanas (literatura, cultura, violência, racismo, mídia)**. Natal: EDUFRN, 2012b. pp. 636-652.

BHABHA, Homi K. A questão do outro: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BHABHA, Homi. O entrelugar das culturas. In: **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**. Organização: Eduardo F. Coutinho. Introdução: Rita T. Schmidt. Tradução: Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. pp. 80-95.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora, UNESP, 2009.

CHABAL, Patrick. **Vozes Moçambicanas: Literatura e Nacionalidade**. Lisboa: Vega, 1994.

CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. Lisboa: Caminho, 1990.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. Lisboa: Caminho, 2002.

- CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da Perdiz**. Lisboa: Caminho, 2005.
- FANON, Frantz. A mulher de cor e o branco. In: **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Cadernos CESPUC de Pesquisa: Belo Horizonte, n. 16, set. 2007.
- GRANJO, Paulo. **Lobolo em Maputo**: um velho idioma para novas vivências conjugais. Porto: Campo de Letras, 2005.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações. Liv Sovik (org). Tradução: Adelaine La Guardiã Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- LEITE, Ana Mafalda. **A modalização épica nas Literaturas Africanas**. Lisboa: Vega, 1995.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas nas literaturas africanas**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- MACEDO, Tania. **Da voz quase silenciada à consciência da subalternidade**: a literatura de autoria feminina em países africanos de língua portuguesa. In: Revista Mulemba. Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.4-13, jan/jul 2010.
- MATA, Inocência e PADILHA, Laura Cavalcante. (Orgs.) **A Mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- NOA, Francisco. As falas das vozes desocultas: a literatura como restituição. In: GALVES, Charlotte, GARMES, Helder e RIBEIRO, Fernando Rosa (orgs). **África – Brasil**: caminhos da língua portuguesa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- SAID, Edward. **Orientalismo**: Oriente como reinvenção do Ocidente. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHMIDT, Simone Pereira. Paulina Chiziane: para ler Moçambique no feminino. In: SECCO, Carmen Tindó; SEPÚLVEDA, Maria do Carmo e

SALGADO, Maria Teresa (Orgs.). **África e Brasil: letras e laços** vol. 2. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.